



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia, Julho de 2011, nº 141



## Mirella Faur

*Nornes (Nornir)*

*As senhoras do destino na mitologia nórdica*

Na mitologia nórdica a visão do cosmo multidimensional, ou seja, a totalidade da criação é descrita metaforicamente como uma Árvore do Mundo, chamada Yggdrasil. As três raízes da Árvore representam as suas fontes de poder e origem: o mundo superior, mediano e subterrâneo, enquanto os galhos interligam nove mundos, habitados por deuses, homens e seres sobrenaturais. Sob cada uma das raízes brota uma fonte, sendo que a raiz superior abriga Urdharbrunn, “a fonte do destino”, a morada das Senhoras do Destino, as Nornes. Desta nascente borbulhante as Nornes tiram a água para molhar as raízes da Árvore, cobrindo-as em seguida com argila branca - existente ao redor - mantendo assim a sua vitalidade. A Árvore era ameaçada permanentemente por um dragão maligno chamado Nidhogg, que roía continuamente as raízes com a intenção de destruí-las e, assim, derrubar a árvore. As divindades Aesir se reuniam ao redor desta fonte nos seus concílios diários, à espera das presságuas das Nornes em relação aos eventos futuros.

As Nornes têm uma função cósmica - estabelecer as leis - e também modelar os destinos individuais de todas

as criaturas dos “Nove Mundos”, inclusive das divindades. Suas ações são determinadas por um poder maior chamado de Orlög, que abrange a trajetória de todos os mundos e seres, até mesmo do Universo. Elas não são subordinadas a nenhuma divindade e não se sabe com precisão a sua origem, apenas que, simplesmente, apareceram no início dos tempos, sendo, portanto, imemoriais e eternas. Algumas fontes históricas ou literárias as consideram descendentes dos gigantes, nascidas das maçãs de ouro que cresciam na Árvore do Mundo, imbuídas de vida e conhecimento e tendo aparecido no fim da “Idade de ouro”, para prevenir os deuses sobre males futuros e os ensinar a fazerem bom uso do presente, lembrando as lições do passado.

As Nornes não são agentes causais, mas instrumentos numinosos que recebem, transformam e redirecionam as energias das ações e dos atos de volta à sua origem. Seus nomes são representativos das suas

atribuições, associados à passagem do tempo e à tessitura do Wyrð, o destino: da humanidade, dos deuses e de todos os seres.

O nome da Norne mais velha - Urdh - é associado à fonte Urdharbrunn (a fonte de Urdh), sendo similar ao tempo passado do verbo verda, “ser”, podendo ser traduzido por “aquilo que já aconteceu”; Ela era representada pela figura de uma anciã olhando sempre para trás. O nome da segunda Norne - Verdandhi - é semelhante ao presente do verbo verda, equivalente a “aquilo que está sendo”; Ela aparecia como uma mulher madura, ativa e destemida, olhando para dentro da fonte. Skuld - o nome da terceira Norne - corresponde ao futuro, ou seja, “aquilo que poderá vir a ser” e Sua imagem era a de uma mulher velada, com a cabeça virada na direção oposta a Urdh, segurando nas mãos um livro fechado ou um pergaminho enrolado. Percebemos claramente o alcance das Nornes sobre a passagem linear do tempo, regendo assim o passado, presente e o futuro, bem como nascimento, vida e morte no ciclo do “eterno retorno”.

Urdh representa o resultado das ações e escolhas feitas no passado e simboliza o destino por ela ser chamada também de Wyrð, o termo precursor das palavras em alemão arcaico e em inglês significando “destino” (wyrð e weird). Os povos nórdicos não acreditavam na predestinação, mas nos resultados de cada ação, ato, decisão ou escolha que se repercutem ao longo da vida. Ressalta-se assim a importância das decisões e opções individuais passadas, atuando na modelagem - até determinado ponto - das circunstâncias presentes.

Verdandhi personifica o conceito do “aqui e agora”, ou seja, o presente. É a força que nos conduz aos resultados das opções e decisões do passado, sendo a manifestação das nossas ações ou existências. Ela retrata tudo o que fizemos no passado e que está plasmado no nível físico, mental, emocional e espiritual na nossa vida presente. O momento presente é fugaz e passageiro, ele desliza rapidamente para o desconhecido e imprevisível futuro.

Skuld, a mais jovem das Nornes, simboliza vários conceitos: futuro, necessidade, culpa e dívida. Por sermos controlados pela realidade física do tempo linear, necessariamente o nosso presente continuará no domínio de Skuld, o futuro. Ela representa o que vai acontecer no futuro como resultado das nossas opções - passadas e presentes - porém o futuro é mutável, vago e nem sempre pré-determinado. As opções que fazemos no presente podem corrigir ou superar os erros que fizemos previamente. É exatamente devida a esta possibilidade - sempre presente - da mudança, que Skuld

aparece velada, segurando um pergaminho em suas mãos. O conceito de culpa é ligado às dívidas que temos e criamos permanentemente em relação aos outros seres, espécies, meio-ambiente e nossos ancestrais; a culpa é paga pelo realinhamento pós-morte da nossa alma. Skuld também é citada como dirigente das Valquírias e padroeira dos espíritos da natureza.

Em um dos antigos poemas islandeses é descrita a aparição de três donzelas gigantes e com feições assustadoras no salão de Asgard (a morada dos deuses Aesir) onde os deuses estavam entretidos em um jogo de dados. Após jogarem as runas, elas fizeram vários vaticínios e previram o destino dos mundos e dos deuses. Conclui-se do contexto do poema que, antes da aparição destas gigantes - provavelmente as Nornes - existia paz e harmonia (um tipo de “Jardim de Éden” ou “Idade de Ouro”, sem conflitos ou mortes). Logo depois da sua manifestação e partilha dos presságios começou a guerra entre os deuses Aesir e Vanir, bem como os combates entre Thor e os gigantes, que continuaram sem parar até o embate e cataclismo final de Ragnarök (“o fim do mundo” chamado também de “Crepúsculo dos Deuses”).

Além das três Nornes principais, são citados nos poemas outros arquétipos sobrenaturais, que cuidavam dos destinos dos elfos, anões e dos seres humanos individuais. Denominadas de Nornes pessoais, elas apareciam nos nascimentos ou nos batizados e prediziam o destino das crianças, colocando nas suas unhas manchas brancas nomeadas Nornaspor, que revelavam a sorte. Era comum a descrição dos dons e benesses dados por uma ou duas das Nornes, enquanto a terceira definia as dificuldades e provações. É possível que estas mulheres na realidade fossem vólvras ou valas (videntes), que desempenhavam as mesmas funções atribuídas às Nornes, usando seus dons proféticos, que eram aceitos e honrados sem questionamentos. Elas oficiavam nos altares das florestas, acompanhavam as tropas para incentivar a coragem dos guerreiros ou para fazer os sacrifícios necessários visando vitórias. Após a cristianização, estas mulheres (videntes, magas ou curandeiras) foram perseguidas, sendo-lhes atribuídos pactos demoníacos e poderes maléficos.

No poema Völuspá há uma referência sobre os entalhes feitos pelas Nornes em madeira, um ato semelhante ao antigo costume norueguês de registrar datas e idades por cortes feitos nos postes ou nas molduras de janelas e portas das casas. Diferentes das Parcas e Moiras greco-romanas, as Nornes não são descritas como tecelãs propriamente ditas, com exceção de algumas poucas citações nos Eddas, em textos e histórias escritos após a cristianização, quando a expressão “tecer o destino” passou a ser uma metáfora comum. Em algumas histórias, elas aparecem tecendo teias enormes, estendidas do Leste ao Oeste, entrelaçando fios brancos e pretos (estes de mau augúrio), entoando canções solenes e seguindo na tessitura padrões pré-estabelecidos pelas leis de Orlög. Orlög pode ser definido de forma sucinta como as leis - ou camadas - primais, que determinam o “agora”, o presente que foi moldado pelas ações passadas. Wyrð é a sorte ou destino individual, a predestinação que segue a “lei de causa e efeito” e que é semelhante ao conceito hindu do carma. Podemos ver orlög como uma série de camadas ou fios do passado, que continuam repercutindo no presente, como uma reação que segue à ação. É um conceito que se aplica numa ampla escala, indo do comportamento usual, cotidiano, até o plano espiritual e definindo a direção do wyrð, o traçado do destino. Algumas coisas não podem ser evitadas ou mudadas, mas somos responsáveis pela maneira em que respondemos a elas pelas nossas ações, opções, decisões e atitudes presentes.

O wyrð é mais flexível, sendo uma parte do orlög adaptada a um indivíduo e à sua família, podendo ser mudado pelas circunstâncias e à medida do crescimento pessoal. O wyrð pode ser assemelhado ao conceito habitual do destino, mas é muito mais abrangente. Ele inclui a soma das ações e escolhas individuais, bem como o destino predeterminado pelas Nornes para aquela pessoa, sendo a união “de tudo o que

passou e tudo o que virá a ser” manifestada durante a vida. Wyrð pode ser resumido como “a lei das causas e suas consequências”, a soma das ações individuais, ancestrais e coletivas. Por ser tanto a causalidade como a consequência ele muda constantemente, sendo influenciado pela teia de opções (pessoais, dos outros, da comunidade e até mesmo dos ancestrais) que influenciam a nossa evolução e consciência atuais.

Este processo pode ser comparado aos círculos formados se jogarmos uma pedra na água. Se outras pessoas jogarem pedras ao mesmo tempo, as ondas se sobrepõem, bem como o movimento dos peixes ou do vento pode alterar a superfície da água. A água representa o mundo e os círculos concêntricos indicam a distância e o efeito que cada pessoa que encontramos exerce sobre nós. Não somos livres para fazer tudo que imaginamos, mas também não estamos trancados dentro de uma estrutura rígida do destino. Até mesmo as divindades possuem seu próprio wyrð, pois na mitologia nórdica elas não são onipotentes, mas presas pelo poder e o padrão da tessitura do wyrð.

O fio individual de wyrð, ou seja, o papel que cada pessoa desempenha para alterá-lo de forma positiva ou negativa, pertence ao orlög, que inclui os traços biológicos, os dons, as características mentais e emocionais, a experiência pessoal, tudo o que pode servir como escolha ou limitação. Fazer escolhas, agir e viver dentro das possibilidades contribui para acrescentar camadas para o orlög pessoal. No entanto, existem limites: genéticos, sociais, familiares, sociais e as restrições e desafios existenciais que exigem nossos esforços

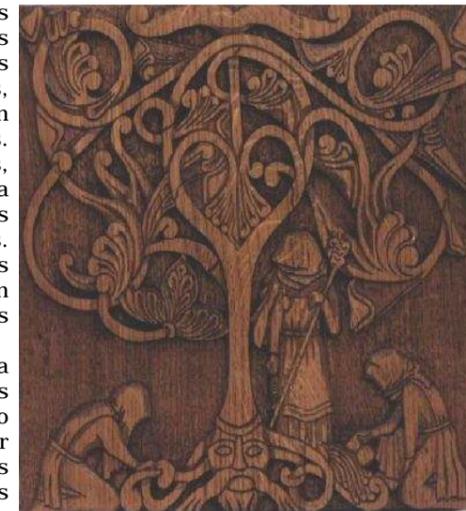
para criarmos condições melhores. Para melhorar o wyrð são necessárias ações honrosas e justas, ele não é estático, mas muda em função do modo de agir, pois a sorte flui do wyrð e é parte da matriz da alma. Os antigos povos nórdicos acreditavam que o wyrð piorava com ações desonestas e desleais, com mentiras, atos violentos e cruéis, quebra de juramentos e a falta de respeito perante as divindades e os ancestrais.

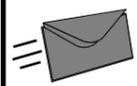
O termo wyrð foi desenvolvido a partir do verbo weorþan - em inglês arcaico - significando “vir a ser”, seu equivalente em norueguês antigo sendo urdr, o mesmo nome da primeira Norne. Tanto orlög quanto wyrð são conceitos extremamente importantes e que desempenham um papel central na visão mítica, cosmológica e simbólica da tradição nórdica, sem ter nenhuma semelhança com a predestinação ou fatalismo da

doutrina cristã.

Uma definição mais acurada da atuação das Nornes seria a modelagem do destino, o que inclui a duração e a qualidade da vida de cada ser. A existência individual pode ser comparada a um reservatório de poder obtido no nascimento, cuja natureza irá determinar as ações e as consequências; atos positivos e honrados aumentam o poder, enquanto ações negativas e desonrosas diminuem a essência vital do ser, que determinará a força da alma pela sua quantidade e o caráter por sua qualidade. Os nórdicos acreditavam que uma parte das almas de cada ser humano existia na “Fonte das Nornes”, sob a “Árvore”, que era a manifestação direta de tudo que estava contido na Fonte. A natureza cíclica da interação da Árvore e da Fonte refletia o padrão da jornada espiritual de cada um, que era definido pelas memórias, que nutriam o espírito e o conduziam ao encontro da sabedoria.

Portanto, o nosso aprendizado - inspirado nos antigos conceitos míticos da sabedoria nórdica - pode ser resumido desta maneira: Urdh representa aquilo que foi criado e manifestado, ela coloca os limites em que o nosso destino será contido. Verdandhi ordena nossas ações e as tece dentro da teia das limitações, enquanto Skuld nos amarra às consequências das nossas opções, para o bem ou para o mal. Urdh desenvolve a sequência e o padrão de todos os eventos que se manifestam no mundo presente; Ela revela a importância do orlög, dos eventos primais, cuja estrutura se concretiza no mundo atual. Esta é a memória ancestral, que forma a hamingja, a sorte herdada dos ancestrais e reforçada ou enfraquecida na vida presente.





## Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Receba com minha bênção o antídoto para a angústia que envenena sua alma, ao se deparar com as chamadas televisivas vomitando atrocidades e com as cores dramáticas das manchetes dos jornais. Atordoado em dor, é frequente que seu coração me questione, num julgamento ingênuo, como se dissesse: Mãe, por que?

Há quem, diante da desolação estampada nos fatos, se apegue a um conceito restrito de destino, mas a tessitura da criação é bem mais ampla do que o coração da humanidade pode agora alcançar. O Amor governa um suceder de ciclos ordenado com zelo, como seu tricô, onde os primeiros pontos criam a possibilidade da trama. Uma vez concluído o xale, fica fácil perceber a coerência dessa relação de causa e efeito. Entretanto, quando se trata da manifestação da vida, sua visão canhestra sobre o processo impede que



você perceba o encanto com que atitudes e consequências se entrelaçam. Para alcançar a Beleza, filha, há que se ampliar o olhar...

Mas, que ao compreender esse princípio, você não se valha disso para se tornar omissa, pois isso só fará com que você ande em círculos, sem se beneficiar com a perspectiva da espiral da sua evolução. Ouça minha voz em seu íntimo, lembrando sua origem divina, trazendo à tona as tarefas a que você se propôs antes de florescer neste jardim! Perceba minhas palavras fluindo nas frases dos que amam você, brincando com seus sonhos e inspirando sua capacidade de compaixão! E então você descobrirá uma outra maneira de

encarar a dor do mundo, reconhecendo a dignidade de quem sofre e, respeitando, fazer fluir a nobreza do amor através de seus dons, das suas mãos, em atitudes que fazem a diferença. Esse é o bálsamo que cura, é o que faz sagrado o seu trabalho, o seu ofício, a alma esquecida da palavra sacrifício...

Em bênçãos de entendimento,  
Aquele que é.



## Um breve comentário

Samaya - Lua Nova

Dentre tantos processos de vida: lições, aprendizados, crescimento... Escaladas e quedas contínuas...

Muitas descidas ao Reino de Perséfone - guiada por Hécate... Mas também muitos retornos de Inanna!

Muitas curas obtidas nas Luas Negras...

Muita, mas muita plenitude nos plenilúnios...

Uma conexão profunda com as Deusas Madrinhas...

Esse ano, em especial, um encantamento apaixonado e reverente pelo Xamanismo.

A vivência diária das Faces da Mãe em meu corpo, em minha vida, em minha alma... Sentir a implacabilidade voraz de Sua Face Negra, mas também o acalanto doce de Seu Seio Materno...

Um sentimento constante, entre tantas outras sensações (e olha que são muitas!), desabrocha como flor-de-lótus no peito emocionado...

Me perceber renascida várias e várias vezes... Renascida de várias mortes necessárias, de vários padrões de comportamento sufocantes,

liberta de limalhas que não me pertencem mais... Melhor do que isso, aspectos que pertencem à minha sombra e que eu estou aprendendo a abraçar e aceitar...

De repente, vejo-me sendo cuidada por Mulheres Maravilhosas...

Mas qual a dúvida?

Foi a Deusa que me encaminhou, que me trouxe até aqui!

As palavras não exprimem o que se sente por receber essa dádiva de poder 'voltar pra casa'!

Difícil ter a dimensão de como esse "Círculo Sagrado de Mulheres", guiado pelo amor e pela sabedoria de uma Mestra tão Abençoada, tem ajudado e fortalecido tantas mulheres...

Difícil entender como era possível viver sem o fogo da Deusa correndo nas veias, nutrindo cada célula, sublimando o

espírito...

Difícil imaginar a vida sem a Teia de Thea...

Mas tem uma coisa fácil nessa história, que não pode ser esquecida jamais...

Algo que faz parte do meu ser, está gravado nos meus sete corpos sutis.

Uma única palavra que resume todos os ciclos, todos os sentimentos, todas as tentativas de definição: GRATIDÃO.



## Viver sem menstruar?

por Isabela Crema

Menstruo porque sou MULHER... porque desde que juntamos pó de estrelas suficientes para formar nosso corpo, a cada mês, o MEU CORPO, o MEU TEMPLO, o fruto da engenharia PERFEITA da NATUREZA, se prepara para proteger e nutrir a VIDA. E, se uma vida não é formada, despejo meu SAGRADO SANGUE para fertilizar toda a TERRA.

Tenho TPM porque vivo numa sociedade (ainda) patriarcal e machista que TEME tudo aquilo que NÃO ENTENDE e, portanto, quer eliminar tudo aquilo que AMEAÇA a sua ILUSÃO de estabilidade, de permanência. Tenho TPM porque a PAUSA é parte FUNDAMENTAL de uma vida saudável, plena, FELIZ... Tenho TPM porque vivo num mundo que não respeita as minhas pausas, as minhas necessidades individuais... nem as minhas, nem as de ninguém. Tenho TPM porque fui criada como um Ser sensível às vibrações de todos os níveis de realidade, não somente os mais visíveis, e tenho dentro de mim a SABEDORIA de ser um canal de COMUNICAÇÃO entre eles. No entanto, vivo num mundo onde o Deus CHRONOS, com seus moldes, fôrmas, estruturas pré-definidas e tic tacs devoradores da vida, persegue e crucifica diariamente o Deus KAIRÓS - padroeiro da CRIATIVIDADE, da ESPONTANEIDADE, da LIBERDADE...

Menstruo porque a NATUREZA foi GENEROSA para comigo e minhas irmãs - incrustou em mim a SABEDORIA da nossa avó LUA: a de SABER ESVASIA-SE para, então, tornar-me plena novamente. Menstruo pois a LUA DENTRO DE MIM conhece os CICLOS DA VIDA e sabe, mesmo que lá no fundo, que é necessário SABER MORRER para poder RENASCER, limpa de tudo aquilo o que é velho.

AMO menstruar - mesmo com minhas cólicas, seios inchados e outras formas que meu corpo encontra para me dizer: PARE, este momento é SEU (e não do seu chefe!), pois tenho a CORAGEM de experimentar a VIDA com tudo o que ela tem: com suas dores e seus Amores... seus prazeres e desprazeres... seus ABSURDOS e suas GRAÇAS... e, à cada mês, recebo uma sublime aula sobre a IMPERMANÊNCIA de tudo o que existe. Não sou hoje a que fui ontem... nem serei amanhã a que hoje sou. Fui criada para saborear brisas e tempestades e a VIDA dentro de mim PULSA PELO MOVIMENTO. MENSTRUAR É MOVIMENTAR! AMO MENSTRUAR pois acho PURA POESIA viver as fases da LUA dentro de mim... e as minhas fases me ensinam que é preciso HUMILDADE para compreender o SENTIDO de tudo aquilo que acontece.

A vida não evoluiu por milhões de anos para criar um ser que adoce a cada mês: mais HUMILDADE, senhora medicina, fiel súdita da indústria farmacêutica. Tens apenas poucas centenas de anos e tu simplesmente não existirias, e não fosse a GENEROSIDADE da mesma natureza que nos criou assim como somos. Mais CUIDADO senhores médicos: não se pode falar com propriedade daquilo que não se experimentou com seu próprio corpo, suas próprias emoções ou, pelo menos, a partir da sua capacidade de EMPATIA. Saúde, já dizia meu pai, é saber DANÇAR COM AS ESTAÇÕES. E as estações de fora são as mesas de dentro. Mulheres, temos a BÊNÇÃO de ter um corpo que flui com a VIDA à cada mês, não importa o quão desconectadas estejamos da HARMONIA do mundo em que vivemos. Deixaremos mais uma vez nos CALAR a VIDA que pulsa dentro de nós? Entregando nossos corpos, nossos TEMPLOS, para pessoas sem rostos e sorrisos em salas FRIAS E ESTÉREIS para os forçar a se ADEQUAR à um sistema que encontra-se profundamente DOENTE?

E, no final, descobriremos que a questão não é menstruar ou não... não é descobrir se quem pari é a mulher ou o

médico... é SE DAR CONTA de a INQUISIÇÃO ainda não terminou - apenas transformou a forma de FAZER CALAR O FEMININO EM NÓS - uma forma cada vez mais sutil e, portanto, cada vez mais eficaz.



## Teia de Thea convida



RAGNARÖK

O CREPÚSCULO DOS DEUSES

UMA INTRODUÇÃO À MITOLOGIA NÓRDICA

MIRELLA FAUR

10 de agosto de 2011, quarta-feira, das 19h30 às 21h30

Teatro Eva Herz  
Livraria Cultura Iguatemi Brasília

## AGENDA 2011

Celebrações públicas sempre às 20 horas. Os Plenilúnios são reservados somente às mulheres, bem como algumas cerimônias da Roda do Ano.

**\*01 de agosto** - Festival da Colheita - *aberto também para homens*

**\*13 de agosto** - Plenilúneo: Celebração da «Noite de Hécate»

**\*12 de setembro** - Plenilúneo: Celebração da Deusa estelar, Astrea

**\*23 de setembro** - Comemoração do equinócio: Os Mistérios de Eleusis

**\*11 de outubro** - Plenilúneo: Celebração da Madona Negra

**\*31 de outubro** - Comemoração do Samhain: Reverência às Ancestrais

**\*10 de novembro** - Plenilúneo: Celebração celta do povo das fadas

**\*10 de dezembro** - Plenilúneo: Celebração celta da Deusa Danu

**\*22 de dezembro** - Comemoração do solstício: O fogo sagrado da família - *aberto também para homens*

**Edição e Diagramação:**

Nane Silva

**Revisão:**

Lacy Silva e Adriana Jaccoud

**Informações:**

Luzia - 81481650; Nane - 96779453

Andrea - 34084065

**Web:**

www.teiadethea.org

**Bibliografia:**

«O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur

Imagens da internet